

VIDA
DE
CACASSENO,
FILHO DO SIMPLES
BERTOLDINHO,
NETO DO ASTUTO
BERTOLDO.

OBRA DE GRANDE RECREIO, E DIVER-
TIMENTO.

Traduzida do Idioma Italiano no
Portuguez.



LISBOA.
NA IMPRESSÃO DE ANTONIO NUNES,
Anno 1824. Com Licença.



CACASSEN.

INTRODUCÇÃO.

O astuto Bertoldo, e a sagaz Marcolfa sua mulher, não obstante terem nascido, e criado-se no centro de huma montanha, com os seus ditos, sentenças moraes, e agudas respostas, não só fizerão admirar os particulares que os ouvião, mas tambem a El Rei Alboino, e a sua mulher a Rainha Ipsicratea, de quem estes rusticos eram Vassallos; e por esta causa recebêrão destes Soberanos muitos favores, e dadiwas, correspondentes á sua grandeza. Tiverão estes a felicidade de lograr o fructo matrimonial, concedendo-lhe o Ceo a successão em hum filho: erão grandes as alegrias que tinhão os dois esposos por muitos motivos; e o maior delles, era porque presumião, que este novo Infantinho, se parecia a seu Pai Bertoldo; (e para que até o nome se parecesse com o de seu Pai lhe puzerão Bertoldinho) porém a esperança que tinhão lhe sahio frustrada; pois depois de grandesinho (se Bertoldo seu Pai era agudo, e sagaz, Bertoldinho seu

A 2

filho pelo contrario ; pois sabio tão simples , tonto e bruto , que desmerecia o seu nascimento). O pobre Pai vendo tal contrariedade se ausentou para a Corte , não podendo soffrer as simplicidades de seu filho , donde , como vimos , acabou , e deo fim os dias de sua vida : ficando Marcolfa viuva , com Bertoldinho seu filho.

Teve noticia delles El Rei , e com a curiosidade de os ver os fez vir á Corte Marcolfa , e seu filho ; e cuidando esta pobre que El Rei a tinha feito vir para algum máo fim , lhe succedeo o contrario ; pois Bertoldinho com as suas innocencias deo tanto gosto na Corte , que quando se retirou della , El Rei lhe mandou dar dois mil escudos de ouro ; com outras innumeraveis cousas de summo valor e preço.

Todas estas Alfaias as vendeo Marcolfa , e com o dinheiro dellas , e parte dos dois mil escudos comprou varias herdades para viver o resto da sua vida ; depois Bertoldinho se casou , e teve hum filho que se chamou Cacasseno , de quem agora referiremos sua graciosa vida.

—♦—
V I D A
DE
C A C A S S E N O ,
FILHO DO SIMPLES
B E R T O L D I N H O .
—♦—

H E R M I N I O , de quem já fallamos no segundo Tomo desta Obra , era criado (como já disse) d'El Rei Alboino : este com ordem delle , acompanhado de um criado seu , correo por muitos dias todos os Povos , que incluia certa Provincia da Coroa , para fazer diferentes negocios particulares da Corte , accidentalmente passou pelo pé da montanha , donde habitava a memoravel Marcolfa , com o célebre , e nunca bem achado Bertoldinho .

Julgou fazer huma cousa muito do agrado , e de merecimento , se levasse noticia a El Rei delles , e assim determinou ir vê-los : subio a montanha , e quando chegou acima ficou admirado da boa situação do Paiz ;

estavão humas casas muito decentes fabricadas, e chegando á porta chamou; ouvindo Marcols chamar, chegou á janella, e vendo Herminio logo o conheceo; veio logo abaixo, e o fez entrar mostrando grande alegria, e contentamento de o ver, fez-lhe muitos agazalhos e tiverão varias conversações, entre as quaes lhe contou como seu filho Bertoldinho havia casado, e muito bem; e com o dinheiro, e valor das alfaias, que lhe tinham dado Suas Magestades compráram varios bens, que juntos com alguns que já tinham, quando forão para a Corte fizerão hum bom Patrimonio para passarem sem maior fadiga os dias de sua vida; tambem lhe disse que Bertoldinho depois que passou os annos da sua juventude, tinha dado tal volta que o não havia de conhecer, com a descripção que se lhe tinha infundido, e que vivião com suma alegria, e tranquilidade: não lhe molestando mais que huma cousa, a qual era que depois de tanto tempo que Bertoldinho havia casado, não tinha mais que hum filho, o qual já se achava com idade de sete annos, e com a desconso-

lação de ter sahido mais simples , e nescio do que tinha sido seu Pai : teve Herminio grandecíssimo gosto com esta conversação , e determinou a toda a pressa levar noticia a El Rei de tudo quanto havia excogitado , e assim lhe perguntou :

Herminio , e Marcolfa.

H. Dize-me , Marcolfa , donde está Bertoldinho , e seu filho ?

M. Forão aqui perto a huma Choga de hum Pastor nosso , e não poderáo tardar , porque he chegada a hora de almoçar .

H. E o filho como se chama ? .

M. Seu nome proprio he Arsenio ; porém como estes Montanhezes sempre inventão , accrescentão , e tirão nomes ; os nomes proprios não vem a servir , e assim te mostrarei hum exemplo : entre nós outros , o que se chama Antonio se he de estatura cres-cida se chama Antonão ; se he de es-tatura baixa Antoneto ; se he mais diminuta Antonito ; se he pequeno , ou rapaz Antonico ; de modo que re-duzem o nome de Antonio em tantas pessoas , que não se conhece já o pri-meiro nome que teve ; como presen-temente succede a meu neto , que

chamando-se Arsenio, como he pequeno, e hum pouco simples, lhe tem posto o ridiculo nome de Cacasseno.

Herminio quando ouvio o nome tão ridiculo de Cacasseno, encheose de summo gosto, e se lhe incendiou a vontade, e desejo de o levar á Corte, e no entanto deitava suas linhas, para ver o modo que havia usar para o levar; ouvio na rua a Domingas, mulher de Bertoldinho, que vinha cantando a Copla seguinte:

COPLA.

Todos me dicen soy tan linda, y bella,
Que d'algun gran Senor hija parezco;
Uno me llama de Diana estrella:
Otro, que amor flechero ser merezco,
Todo el lugar me dice sin querella:
Que en mim frente las flores reverdezco;

Y un mancebo ante ayaer al ver me clama,

Por no hai de estas pulgas en mi cama?

Neste tempo chegou Bertoldinho, e depois Domingas, os quaes trazião molhos de nabos, e senoiras da sua horta; fizerão muitos cumprimentos huns, e outros, e Herminio disse:

*Herminio, Marcolfa, Bertoldinho,
e Domingas.*

H. Eras tu aquella mocita, que cantava?

D. Não, Senhor, era uma Pastora nossa.

M. Ah mentirosa! Olha que não parece bem o dizer mentiras; sim, Senhor, ella era, e sabe cantar muitas modinhas graciosas.

H. Dominguitas, faze o favor de tornar a cantar, ou o que for mais do teu agrado, com tanto que cantes.

D. Devéras não posso cantar, porque estou rouca.

B. Vamos, canta; de que tens medo?

D. Certamente que não posso, e agora não me lembro de nenhuma cantiga.

M. Despacha-te; queres que te roguem, e deixares este Cavalheiro desconsolado?

B. Não fazem mais ás grandes musicas, quando são muito rogadas, e quando chegão a cantar já tem enfadado o Auditorio; anda, Dominguitas, canta, canta.

D. Pelo mesmo, que ateimais, não quero cantar.

H. Não te enfades, Dominguitas,
que teu marido está brincando com-
tigo.

M. Canta, filha, que parece mal
tanto rogar.

D. Eu o farei, porém não aqui.

H. Como tu cantes, seja aonde
quizeres.

No entanto que Domingas foi can-
tar o seguinte Strambote, Marcolfa,
e Bertoldinho se despedírão de Her-
minio, porque ião a dispôr a sua
comida; e ao mesmo tempo chegou
Cacasseno que vinha de almoçar, e
Herminio o agarrou.

STRAMBOTE.

Si te vienes comigo, prenda mia,
A cavallo vendras en mi pollino,
Verás hecha un espejo mi Alqueria,
Todo su ajoar, el gallo, y el cochino;
Del Gilguero la acorde melodía
Oiras entre las plumas que previno,
Y tendrás el contento duplicado,
Tordos cazando, y Mirlos en el Prado.

„ Assim que acabou de cantar Do-
minguitas, começou a perguntar Her-
minio a Cacasseno. „

H. Menino formoso, que fazes?

C. Neste instante acabo de almo-
çar.

H. Bom principio; dize-me como
he o teu nome?

C. Não, Senhor, não sou homem,
sou rapaz.

H. Não te pergunto se és homem;
o que te digo he como te chamas?

C. Quando alguém me chama, eu
lhe respondo.

H. E se eu te houvesse de chamar,
como te chamaria?

C. Como tu quizesses; porém cui-
dado, tem as mãos quietas, parece
que me queres tirar os olhos, e não
me faças enfadar, quando não com
este pão... pois não conheces ainda
queim sou.

” He preciso advertir, que Hermi-
nio quando fallava com elle, fazia
varios movimentos com as mãos; Ca-
casseno parecia-lhe que lhe queria ti-
rar os olhos, e se enfadou, e levan-
tando o pão lhe quiz dar com elle na
cabeça; porém Marcolfa chegando
ao mesmo tempo, lhe deo hum bo-
setão, com que lhe fez muito depres-
sa abaixar o pão; começou a gritar
Cacasseno que parecia hum bezerro,
ou para melhor dizer hum leitão quan-
do o querem matar: correo Domi-
ngas, e lhe levou hum bolo para o
aquietar, e lhe disse:

Domingas, Cacasseno, e Herminio.

D. Que tens tu, meu Cacasseno, que tanto choras?

C. U', ú, ú, Avó me deo, por que me queria defender; ú, ú, ú, deste homem que me queria tirar os olhos com os dedos, á, á, á.

D. Cala-te Cacasseno, que faremos que a Avó vá descalça para a cama; sim? Sim meu filho? Eia cospe verás como lhe casco.

H. Não he certo o que diz, de que lhe queria tirar os olhos; vamos, meu filho, toma hum, dois, tres, e seremos amigos; vendo Cacasseno tres, ou para melhor dizer quatro, socegou, e ao mesmo tempo Domingas lhe disse: faze uma cortezia a estes Senhores, e beija a mão á Avó.

Formosura de Cacasseno.

„ Herminio esteve observando os movimentos que fazia; não pôde conter o riso, em considerar o gosto que terião El Rei, e a Rainha de o ver, porque tinha extravagante figura, pois era summamente gordo da cintura; testa muito estreita, os olhos muito esbugalhados; as sobrancelhas largas, e crespas; o nariz chato; a boca aguçada, que parecia gato mon-

tez. Assim que chegou a hora de co-
mer todos laváraõ as mãos, e se sen-
tárão á meza: aqui deixo á conside-
raçao do curioso Leitor, o soffri-
mento do riso, que padeceria o pobre Her-
minio, durante a comida, e depois
de concluida, disse:

*Herminio, Domingas, Marcolfa, e
Bertoldinho.*

H. Haveis de saber, que um dia
destes pela manhã o comprador do
Palacio, estando na Praça compran-
do uns cabritos de hum montanhez
desta serra (que julgo será conheci-
do vosso) esteve contando da sorte
que vós os trataes, dando noticia de
vosso Cacasseno; chegou esta voz aos
ouvidos d'El Rei, e mandou que vies-
se pessoalmente, para que eu o leve
á sua vista, e está muito ancioso de
o ver; com que estais na obrigação
por cortezia, agradecimento, e obri-
gação precisa de lhe dar gosto em
humā cousa tão facil, que só pende
da vossa boa vontade, e siel affecto
ao Soberano.

D. Que se entende disso, que vá
meu filho? Não, Senhor; não pôde
ser, porque meu filho he tão simples,
e tão bruto, que estou mui certa,

que se vai para a Corte lhe ha de succeder algum trabalho.

M. Nora querida, e filha minha, não tenhais medo por isso, que eu irei na sua companhia; e has de entender, que os braços dos Soberanos são mui largos, e chegão ao mais dilatado do mundo; e considerando isto, é preciso obdecer-lhe com preceito, ou sem elle; e sobre tudo por obrigação, na qual estamos constituidos.

B. E com especialidade a El Rei Alboino, a quem devemos tudo o que temos: com que assim Domingas, socega-te, que esta he a nossa maior fortuna.

” Marcolfa consegue de Domingas sua Nora, deixar levar Cacasseno a Palacio, e depois de conseguida a licença, o vestirão com os seus vestidos Domingueiros, e derão principio á jornada.

” Com as razões de Marcolfa, e de Bertoldinho, não replicou mais Domingas: vestio seu filho, e o entregou a sua Avó Marcolfa: fizerão-lhe aquelles carinhos paternos, que he natural com hum filho, e se despedirão, ficando Bertoldinho, e Do-

mingas para cuidar na casa. Marchá-
rão pois Herminio, e seu criado com
Marcolfa, e Cacasseno; descêrão a
montanha, tomárão o caminho da
Corte: Herminio assim que chegou á
primeira pousada fez apear o criado
do cavallo, e lhe mandou dar huma
aposta para que fosse dar noticia
aos seus Soberanos do que havia suc-
cedido; e como ficou o cavallo do
criado sem Cavalleiro, Herminio se
voltou para Marcolfa, que hia com
Cacasseno, e lhe disse:

H. Marcolfa, parece-me mais con-
veniente que Cacasseno monte a ca-
vallo, já que estamos em planicie,
que indo a cavallo não se cansará na
jornada.

M. Dizes muito bem, e he conse-
lho muito prudente, pois já que está
de vazio o cavallo, será bom que el-
le o occupe; Cacasseno, vamos, eu
o montarei.

C. Não quero que tenho medo que
me morda.

M. E porque te ha de morder?

C. Já disse que não quero; não
vêς como me arreganha os dentes?

H. Espera, Marcolfa, eu me apeio,
e o porei de sorte que vá bem, abre

bem as pernas, e monta-te em cima da sela: ah que bravo moço! Toma a redea na mão, e deixa que siga o meu cavallo, e agora vá por minha conta se cahires.

Herminio, e Cacasseno.

H. Apeia-te, que montastes ás avessas.

C. Eu nunca poderei estar melhor do que estou: dize-me tu, não me disseste que El Rei te enviou para que me conduzisses?

H. He verdade que o disse: porém que he o que inferes disso?

C. Pois olha, toma tu a redea do cavallo, e conduze-me, que desta sorte obedecerás a teu amo; e eu desta maneira não verei os perigos que tenho de passar.

H. Boa compra fiz; já cheguei a ser moço de cavallo, em lugar de ser de hum Cégo; que tal he a frescura deste marmelo, com figura de Camões.

¶ Neste mesmo tempo passou acidentalmente hum Aldeão que hia para a Corte, Herminio o chamou, e lhe mandou que levasse pelas redeas o cavallo de Cacasseno, e que fosse daquelle modo até á porta do

palacio, e alli esperasse; e foi com ordem de que ao entrar fossem com Soldados, para seu resguardo, lembrando-se que ao entrar os rapazes o apedrejassem pela figura, e modo como hia montado, e sem embargo de toda esta cautela, sempre lhe atirão suas laranjadas: Herminio apressou o cavallo, chegou a Palacio e achou El Rei e a Rainha em huma varanda, esperando ver a entrada do rustico que, com a relação do criado de Herminio tinha tido; no entanto este lhe dava noticia das aventuras que lhe tinham sucedido pelo caminho com Cacasseno; chegou a este mesmo tempo, o que tanto desejavão, e virão vir a Marcolfa, e o Aldeão que conduzia o cavallo de Cacasseno, e elle montado ás avessas: trazia tal confusão de povo atraz de si, assobiando, e gritando que parecia tempo de entrudo, com mscaras ridiculas etc. Cabio tanto em graça a El Rei, e á Rainha toda esta entrada, que se não pôde ponderar; chegando a Palacio os fizerão subir, e Marcolfa entrou adiante, e depois de fazer huma grande reverencia, El Rei lhe disse:

Rei, Marcolfa, e a Rainha.

R. Marcolfa, sejas bem vinda: ha tanto tempo que te não vejo; julgava que já não eras viva.

M. Eu para servir a V. Magestade vivo; e em quanto viva serei sua escrava.

Rain. Não me conheces? Não te lembras de mim?

M. Senhora: São tantas as obrigações, graças, mercês, favores, e dadivas que tenho recebido da vossa generosa mão no tempo que estive nesta Corte com meu filho Bertoldinho que trago, sempre diante dos olhos, as Imagens de VV. Magestades; não o digo por adulação, pois ainda que pobre montanheza, nunca gastei o tempo em dizer o que não he. E este modo de portar-me he ser agradida, e o aprendi de hum homem como Bertoldo, agudo, e sentencioso em seus proverbios, que bem entendidos podem servir de muita doutrina a quem attento os ler; muitos disse: e entre os muitos que lhe ouvi dizer, summamente gostei destas sentenças.

El pobre, que es soberbio, es veneno acervo.

El pobre que se humilha , es sincera
avecilla , .

El pobre que es tramposo , es peor
que el osso ,

El pobre verdadero , es como el cor-
dero.

Rain. He certo que são dignas de
reflexão ; porém deixando isto por
ora , diz-me donde está Cacasseno ?

M. Senhora , comigo vinha , po-
rém não o vejo : pobre de mim don-
de terá ficado ! Pois juntos vinhamos.

” A este tempo levantou hum cri-
ado huma cortina , e fez entrar a Ca-
casseno que trazia huma porta de ras-
tos ; os Reis entrárão a ir de ver tão
boa entrada , sem saberem o motivo
de tal extravagancia ; porém o mes-
mo criado lha decifrou , por se ter
achado presente , e sem poder conter
o riso , disse :

Criad. Saberão VV. Magestades ,
que ao tempo de subir a escada de
Palacio , no entanto que Marcolfa
entrava na sala , este selvagem dis-
se a um criado que tinha vontade
de verter agoas , elle o levou a hum
lugar destinado para este fim , e as-
sim que entrou lhe disse : quando vol-
tares ao sahir , traze a porta comti-

go, e o grande bruto assim o fez, tirando-a das couceiras, e a traz de rastos, e desta sorte o trazemos para que o vejas.

R. Dize-me, Cacasseno, para que trazes de rastos essa porta?

C. E que se te dá a ti disso?

R. Muito se me dá; que como dono da casa quero sabe-lo.

C. Se és dono da casa, então hetua a porta, e me dirás o que hei de fazer com ella.

R. Deixa-a.

C. Poita já te deixo, que o dono da casa te dá licença; marcha, marcha, que pezas demasiado, e já te não posso suster; obedece porta, que senão o dono da casa te cascará.

” Neste tempo chegou Marcolfa, e vendo esta simplicidade, se ensaiou muito, lhe tirou a porta, mandando-lhe que fizesse huma cortezia a Suas Magestades, e se puzesse de joelhos, e lhes beijasse as mãos; obedeceu Cacasseno, porém foi pondo-se de gatinhas, e assim desta forma começou a dizer :

Cacasseno, e Marcolfa.

C. Senhores meus! Bem vês a minha tão reverente cortezia, prostran-

do-me no chão , como minha Avó me mandou ; já não falta mais do que metteres-me o dedo na boca , para eu beijar as mãos , vinde que estou esperando .

M. Que fazes , jumento , dessa sorte ? Não queres beijar as mãos a Suas Magestades , como te ordenei ?

C. Pois não me dissetes que fizesse cortezia , e que de joelhos beijasse as mãos aos dois ; ora pois , já estou com os joelhos no chão , dize-lhe que venhão , para lhas beijar , e havia-te que tenho vontade de merendar .

„ Os Reis gostárão muito desta tão grande simplicidade , e o mandarão levantar ; e chamando hum criado , por nome Atilio , lhe ordenárão o levasse a merendar ; no entanto Marcolfa o ficou desculpando .

Marcolfa , Rei , e Rainha .

M. Sereníssimos Senores , haveis de saber , que Cacasseno , não he nada menos ignorante que seu Pai Bertoldinho , em sim , tal e qual he a arvore , tal e qual he o fructo ; pelo que vos rogo não estranheis as suas simplicidades ; eu o conduzi á Corte com muito gosto , para dar a conhecer que

sou obediente aos mandados dos meus Soberanos; porém espero ao mesmo tempo licença para tornar para minha casa, sendo do vosso Real agrado, ao que só por comprazer vim.

R. Está bem; e Bertoldinho vive todavia?

M. Está vivo, e são, e depois que chegou a mais cressida idade, começou a ter razão e juizo, cousa que parece fabulosa, porém assim he; depois de algum tempo se casou, e desse matrimonio nasceu Cacasseno, e te asseguro que com a boda, e outros infinitos gastos não poderíamos, senão tiveramos tido as dadiwas com que as piedades de VV. Magestades nos tem favorecido, e ainda depois nos ficou muito bastante, para viver medianamente, segundo nosso es-tado, para toda a nossa vida.

Rain. He certo o que me dizes de Bertoldinho?

M. He verdade o que disse; pois eu não me atreveria a mentir; prin-cipalmente aos meus Reis, e Senho-res, ainda que me custára a vida; e se te não causar enfado, quizera con-tar-te hum caso daquelles que conta-va Bertoldo meu marido; e vem bem

a proposito , e he de hum , que dizendo huma mentira ao seu Principe , perdeo mil pezos por isso.

R. Contai-o , que para mim seria de especialissimo gosto.

M. Havia hum Principe , e este tinha hum criado muito querido. Succedeo que hum Fidalgo , vendo a familiaridade que elle tinha com seu amo , buscou modo de comunicar-lhe huma pertençao , esperando por este meio alcança-la , e em premio lhe offereceu mil pezos se a alcançasse.

O zunido de tão appetecivel metal , abrio as portas da sua avareza , promettendo-lhe que faria todo o possivel para que se despachasse a seu favor a pertençao que desejava ; não dilatou muito tempo em fazer a súplica o familiar , que logo recorreu ao Principe , e lhe pedio lhe concedesse a graça , e para a obter mais facilmente , ideou huma mentira , dizendo , que o favor que supplicava era para a pessoa de hum seu irmão . O Principe lhe respondeo que veria isso , consultando com o Ministro da sua Inspecção , e que depois de resolvido lhe daria a resposta . Como

as mentiras não tem azas, e o mentiroso, ou embusteiro necessita de huma grande memoria; depois de alguns dias o Principe se lembrou, que em certa occasião lhe tinha dito seu criado, que não tinha irmão algum; com que para aclarar a verdade, secretamente fez chamar o Fidalgo pertendente: chegando á Audiencia, o Principe lhe disse: tu me has de dizer a verdade, e se não ficarás privado da minha graça. O Fidalgo lhe respondeo: Que sem dificuldade daria noticia do que lhe perguntasse. Então o Principe lhe perguntou: dize-me, F. é teu irmão? Respoheuo o Fidalgo que não. Tornou lhe a replicar: pois porque te tem promettido, e facilitado a pertençao que desejas? O Fidalgo lhe respondeo: Senhor, eu lhe prometti, e assegurei dar-lhe de premio mil pezos. Disse novamente o Principe: pois a graça eu ta concedo com a condição de não dares os mil pezos ao teu amigo, nem lhe fallares mais neste negocio.

O familiar, ou criado não sabendo o que seu amo, e o Fidalgo tinha passado; achando-o hum dia de bom

humor, lhe fallou na graça que lhe tinha supplicado para seu irmão; então o Principe com grande agudeza lhe disse: Bem podes buscar outro irmão, porque aquelle que tu pensavas que era teu irmão, é meu.

R. Foi uma resposta muito prompta, e huma invenção mui graciosa; porém tornando ao nosso primeiro discurso porque motivo tens omitido dar-nos noticias de tua pessoa, pois teríamos o gosto todos os annos de te presentear.

M. Indiscreta he toda a pessoa, que se não contenta com o preciso: bastante temos desfrutado da Magnanimidade de VV. Reaes Pessoas, com dadivas avultadas no tempo da partida para a nossa montanha, com as quaes dadivas comprámos muitas terras, e fazendas; de sorte que o que gozamos, podemos viver melhor que outros de maior esfera.

R. Porque te não tens vestido daquelle panno fino, que levaste, e juntamente dos lenços que te dei?

M. Porque a nossa montanha requer vestidos toscos, e tambem a comida; assim como o pão misturado com centeio, e beber continuamente

agua, e com esta comida se mantêm os corpos saudaveis e robustos.

R. O que se contenta com o seu estado é feliz; porém parece-me huma grande simplicidade nutrir-se de rusticas viandas, podendo-o fazer de manjares delicados, e deliciosos vinhos.

M. Não, Senhor, he muito máo beber vinho, aquelle que não está acostumado, e he a peior cousa para a saude; e para prova disso, quero contar um successo, acontecido a hum Cavalleiro Alemão, que me lembro, contava meu marido por cousa certa; e que vem a proposito, e pode servir para espelho daquelles que gostão do vinho, se me prestais atençao o contarei brevemente.

R. Estamos prompts, e assim podemos começar.

M. Hum Cavalheiro Alemão determinou sahir da sua Patria, para ir ver a maravilhosa Cidade de Roma, e reconhecer o delicioso Reino de Napoles: pôz-se a caminho com hum criado de toda a sua maior confiança, e práctico nos taes Paizes: chegando a Bolonha, o dito Cavalheiro mandou ao criado, que se a-

diantasse, e que em todas as Cidades, Villas Logares, e Estalagens, que achasse pela estrada parasse em todas as tabernas, e provasse se havia bom vinho, e quando o achasse para signal de que era bom, escrevesse sobre a porta da taberna esta palavra EST. O criado cumprio com o preceito, e quando o amo chegava se via EST ficava ali hum dia, tanto pela curiosidade de ver aquella povoação, como para beber de tão deliciosa bebida. Forão caminhando pela Romania, chegando o criado a hum lugar da Toscana, situado entre Florença, e Sena, que se chama Pogibonce, párou em huma Hospedaria, que lhe chamão da Chaves, achou nella tres generos de vinhos Moscatel, Verdea, e Treviano; com este tão bom achado, pôz o criado tres vezes EST, EST, EST: chegou seu amo, e vendo tão boa noticia, se arranchou, e disse que lhe dessem a provar de todos os tres vinhos: bebeo delles, e cada um de gosto a qual melhor: deteve-se alli tres dias, sem saciar-se de beber, e chegou a tanta demasia que lhe sobreveio huma suffocação tão repentina, que em

poucas horas morreó; o criado que hia adiante, fazendo alojamento do bom vinho para seu amo, o forão avisar do successo: voltou para trás sumamente melancolico com tão funesta noticia: passou a participar aos parentes de seu amo, e a todos os seus amigos, os quaes perguntando-lhe do que havia morrido seu amo, respondia-lhe assim:

EST, EST, EST,

Propter nimium EST,

Dominus meus mortuus est.

Quer dizer:

He , he , he ,

Por causa do demasiado he

Meu amo morto he.

Com que applico o conto, torno a dizer, que o vinho he muito nocivo; he causa de infinitas desordens, e enfermidades; o que nos não succede a nós outros na montanha, donde ninguem o bebe, nem se gosta ; pois mais appetecemos nossas aguas crystalinas, que com doce ruido se despenhão dos concavos das fontes, que quando as bebemos, chegão tão delgadas, e gostosas, que nos livrão de todo o genero de degestões.

R. He certo que tem sido muito

graciosa a historia , e muito adqua-
da ; porém eu creio que estarás can-
sada pelo motivo da viajem ; mando,
e he de weu gosto , que vás descansar , e depois tornarás com Cacas-
seno .

„ El Rei chamou o Mordomo , e
mandou conduzisse a Marcolfa para
o quarto que estava destinado ; e en-
trando dentro vio a Cacasseno esten-
dido no chão a gritar . „

C. Ai , ai , ai .

Criad. Não o posso fazer callar .

*Marcolfa pergunta o motivo ao cria-
do.*

M. Que é o que tem sucedido ?

Criad. Has de saber , que depois
que merendou , me disse queria dor-
mir ; eu julgando que não fosse tão
simples , lhe disse , que sobisse sobre
essa cama ; e elle agarrando-se a hu-
ma das columnas della , foi subindo ,
e quando chegou ao remate não se
põe suster na columna , cuja que-
brou ; cabindo elle deo com o corpo
no chão , como vês .

M. Não te admires disso ; porque
na nossa montanha , como se não usão
camas desta moda , imaginou que o
sobrecéo della , era aonde elle se ha-

via deitar a dormir, e crede-me, que isto he que foi o motivo: ai, desgracada de mim, que he o que vejo? Elle não falla. Caeasseno, Cacasseno?

C. Deixa-me, não me espertes que estou dormindo.

» Marcolfa o levanta do chão, feito hum cesto de sonno, e o estendeo sobre a cama, cerrando-lhe as janelas, o deixou dormindo. Em este meio tempo o Criado foi dar parte a El Rei e á Rainha do successo, ficáião admirados de simillante ignorancia, e ao mesmo tempo se admitavão da memoria tão feliz que conservava Marcolfa de todos os ditos de Bertoldo; e tornando de novo a fazer comemoração da innocencia de Cacasseno, quando se pôz com a boca para baixo, esperando que lhe dessem a mão para beijar, tornárão a rir lembrando-se desta tão rara singeleza, como querer tambem subir ao sobrecéo da cama; e tornando a rir, fizerão-lhe tornar a contar a historia, e a celebrárão com muito maior gosto. El Rei lhe mandou que tornasse a ver o que passava, e logo lhe désse parte das novidades que sobreviossem com o inocente Cacasseno.

„ No instante que elle estava dormindo, Marcolsá cansada da viajem, e como tiuha comido bem foi descansar; porém quando estava no melhor do seu sonno, a despertou huma grande quéda, que deo Cacasseno da cama abaixo. ”

Cacasseno, e Marcolsá.

C. Ai de mim! Ai infeliz de mim!
Aonde estou eu.

M. Que ruido é este? Que te succedeo?

C. Que ha de ser? Cahí da cama abaixó, e não vejo nada; creio que perdi os olhos.

M. Haverá mulher mais desgraçada que eu? Que dirá Bertoldinho, e Dominguinhas, quando saibão que estás cégo? ande estás?

C. Se eu estou cégo, como queres que te veja?

M. Espera, abrirei as janellas.

C. Alegria, alegria, Avósinha, que já me apparecerão os olhos.

M. Selyagem; como pôde ser, que estivesses cégo? Seria o motivo de estarem as janellas cerradas; levantate dahi, ter-te-ha feito mal o estares tanto tempo deitado.

C. Bastante, porque sinto huma

grande dôr nas ancas; porém isto não me dá muito cuidado, e se pôde dar por bem empregado, pelo achado dos meus olhos.

” Estando Marcolfa, e Cacasseno com estas ignorantes razões, o Criado a quem havia enviado El Rei, para que soubesse o que succedia, esteve escondido todo este tempo atrás de hum resposteiro; e depois que viu todo o passado, sem poder conter-se de riso, marchou com grande pressa a dar noticia a El Rei de tudo o que tinha ouvido, da perida dos olhos de Cacasseno: foi com extremo o riso que tiverão e mais quando o Criado o contava, porque o contava com individuação: depois disto disse a Rainha ao Criado, que levasse um recado a Marcolfa, que tinha precisão de lhe fallar, que era cousa sobre sua dependencia, e não promettia perda de tempo, e que viesse só, e deixasse Cacasseno no quarto: obedeceu o Criado ao mandado, e deu o recado a Marcolfa, a qual disse a Cacasseno: ”

Marcolfa, e Cacasseno.

M. Eu preciso ir ver a Rainha, e me mandou dizer que vá só, com que

assim tu ficarás aqui até que eu volte.

C. Eu tambem quero lá hir, porque tenho medo de ficar aqui só, e pode succeder que eu torne a perder os olhos outra vez.

M. De que tens medo ? Calla-te que não succederá esse caso ; fica-te, que eu virei o mais depressa que possa.

” Marcolfa cerrou a porta com grande pressa, a sim de que Cacaseno não viesse atrás della : e assim que lhe fechou a porta, começoou a gritar de tal modo, que parecia hum bezerro, e até que não encontrou buns jogos, com que se divertio não se callou : chegando Marcolfa diante da Rainha, disse :

Marcolfa, e a Rainha.

M. Serenissima Senhora, aqui me tens muito prompta para obedecer aos teus preceitos.

Rain. Querida Marcolfa, eu me lembro, que quando estivestes da outra vez na Corte com Bertoldinho, me decifrastes certas duvidas enigmáticas, acontecidas em hum jogo, em que eu me achei com humas Damas, e Cavalheiros ; e como eu tenho áma-

nbrâ á noite outro divertimento semelhante, quizera que me ensinasses hum jogo bonito, e de gosto; porém eu quizera mostrar ser a iuventora, e estou bem persuadida, que és capaz para o inventares, que creio saberás algum, que seja de gosto, e divertimento.

M. Ai, Senhora, as plantas silvestres, não crião fructos domesticos, e eu que vivo em huma montanha, mal posso inventar cousa digna, que corresponda á Pessoa de huma Rainha como V. Magestade; os que sei, discorro não serão como eu quizera.

Rain. Não importa, ensina-me hum que fico contente, e satisfeita sendo teu.

M. Em tudo devo obedecer, e dar gosto a V. Magestade, não obstante que diga cousa que em mim seja comum, e mui ordinaria; porém sahindo da vossa boca, será preciosa, e se celebrará com summo gosto. Agora peço que me deis tempo, para dar o enigma do jogo que me pedis.

Rain. Huma pessoa tão capaz como tu, pede tempo para pensar! Eu creio fazes mofa de mim.

M. Eu fazer mofa de huma pessoa

tão sagrada ? Não se diga isto de mim. Sou muito agradecida como o confessei ha pouco tempo na presença de El Rei : sendo eu huma pobre infeliz, trago sempre na lembrança, que com as tuas dadiwas tenho chegado a gozar grandezas , á correspondencia da qualidade da minha terra , e da minha pessoa.

Rain. Este he o fructo que produz o mundo , o que he pobre, fica rico ; e ao contrario outros que de ricos passão a pobres. Não sabes aquelle proverbio que diz :

Este mundo es escaleta ,

Que uno acierta , y otro yerra.

M. Meu marido Bertoldo, figurando o mundo dizia :

La carne en el garabato

Buela el Perro , y mualla el Gato.

E para dizer mais claro , uns sobem , e outros descem ; e a este proposito me lembra huma moralidade da raposa , e do urso.

Rain. Desejo que a digas, e depois tornaremos ao nosso discurso.

M. Acidentalmente passando hum dia a desavergonhada , e astuta raposa , por um pateo de certo Cavalleiro , se assobiou sobre huma cister-

na, que estava com muito pouca agua
 por huma sêcca grande que se padecia : casualmente se pôz a olhar pa-
 ra o fundo da cisterna , e vio huma
 grande quantidade de peixes , que se
 sustentavão com a pouca humidade
 que tinha ficado : levada do seu ap-
 petite da gula, pensou em hir a bai-
 xo , e vendo huma cadêa com dous
 baldes , metteo-se em hum delles ,
 e com o peso della , promptamente
 foi ab ixo , e se fartou de peixe (co-
 mo se costuma dizer) até á garganta :
 depois que se vio saciada , lembrou-
 se como tinha descido , e se persua-
 dio que seria o mesmo para subir ;
 porém sahio-lhe pelo contrario , por-
 que não pôde subir de nenhum modo ,
 achando-se nesta afflictão , começou
 a queixar-se amargamente consigo
 mesmo . Ai infeliz de mim , dizia ,
 o que tenho feito ! Julguei ter feito
 huma cousa boa , e a fiz muito má :
 desgraçada de mim ! Que farei ? Quem
 me livrará deste captiveiro ! Se os
 donos vem , e por desgraça me achão
 aqui , sem duvida dirão , que eu co-
 mi os peixes , e mos sacarão do es-
 pinhaço á pancadaria , como se cos-
 tuma dizer (o que comeo as vélas ,

vomita os pavios) e se por desgraça vierem alimpar a cysterna, e me acharem aqui perecerei sem duvida.

No tempo que a raposa se lamentava, passava hum urso, seu parente, conheceu-lhe a voz, foi-se chegado para a cysterna, e vendo-a em baixo, lhe disse: Porque te queixas? Cahiste por ventura, não podes subir? Conta-me o que te succedeo, que desejo ajudar-te em tão grande necessidade: logo esteve prompta a astuta, e maliciosa raposa; e nestes termos se explica:

Querido, amado, e parente meu, sabes porque me queixo? He porque o caldo está demasiadamente gordo, quero dizer, que vim aqui abaixo, e tenho comido tanto peixe, que estou cheia até aos olhos. Replicou o urso: e por isso te queixas? Respondeo a raposa: não me queixo do que tenho comido, mas peza-me do muito que deixo. Disse então o urso: ha muito? Acodio logo a raposa: podem-se carregar mais de dez azemelas. Ouvindo o urso isto, disse: eu tambem querro ir lá abaixo, e tomar huma barrigada para tirar o meu ventre de miseria: dize-me de que modo des-

estes abaixo? A raposa lhe ensinou, dizendo, faze o mesmo que eu fiz; agarra-te a esse balde, e virás abaixo com ligereza; porém olha não soltes as mãos. Tão depressa, e liberal foi para agarrar-se, com o conselho da raposa, que com a mesma ligereza cahio em baixo, sem considerar o seu fim; e ao mesmo tempo se metteo a raposa no balde que estava em baixo, e como o urso era mais pezado, também com ligereza subio acima; a qual vendo-se em cima posta em salvo, disse ao urso seu parente: adeos amigo até á vista, que julgo me não verás jámais; por isso se pôde dizer com certeza, que uns sobem, outros descem; com que applico o conto, moralisando-o digo que talvez, quando huma pessoa se acha na maior pobreza, sucede muitas vezes vir a ter grandes felicidades, como sucedeo á raposa, que depois de ter saciado o seu appetite, ficou contente, e victoriosa, bufando do mundo; e a outros lhe sucede o mesmo que experimentou o pobre urso, que deixando-se enganar, e levar de huma vil golozina, acabão a sua vida em necessidade extrema.

Rain. Só me gosto que tens dado, com a fabula que tens referido, e só a tua agudeza poderia trazer cousa tão prompta, e adquada ao caso porém deixando isto, e tornando ao nosso assumpto antecedente, o que quero he, que me ensines hum jogo de prendas, em que o que perdesse dêsse sua prenda, e para depois a receber, deve decifrar, ou advinhar alguma cousa difficultosa, ou algum equívoco; em summa, ter alguma penitencia, para depois se lhe entregar a sua prenda; e no caso de não advinhar, costuma a haver muitas risadas, etc.

M. Pois quero ensinar te hum jogo, que será muito applaudido de todos os concorrentes, e he jogo que viu Bertoldo fazer a huns Cavalheiros, cujo titulo he a musica instrumental.

Declaração do jogo.

Os Jogadores, e Jogadoras, não hão de ser mais de doze, nem menos de oito; cada hum ha de tomar hum dos infra escriptos instrumentos, e aquelle instrumento que escolher o ha de imitar com a boca, e com as mãos, e depois de o ter imitado,

nomeará outro instrumento de qualquer dos companheiros que lhe parecer, imitando-o da mesma forma.

Nomes dos Instrumentos.

Espinhetas	Rebeca
Guitarra	Bandolim
Rabecão	Trompeta
Charamela	Tambor
Trompa	Flauta
Viola	Fagote.

Principio do Jogo.

Aquelle que principiar o jogo nomeará o seu instrumento, por exemplo, principia o da Espinhetas, dirá *dirindim dirindim* com a minha Espinhetas, e *turuntumtum turunlumtum*, com o teu Tambor, e o que tiver Tambor responderá, dizendo: *turumtumtum turumtumtum*, com o meu tambor, e *taratá, taratá, taratá*, com a tua Trompeta; e assim se vai seguindo a roda: (advirto que não só se imita os instrumentos com a boca, mas também juntamente com as suas mãos, como já em cima disse) e se deve responder depressa, e aquele que assim não fizer, ou se equivocar perderá sua prenda.

Sons dos Instrumentos.

Dirindim, dirindim *Espinhetas*

Frim, frim, frim	Rebeca
Frinc, frinc, frinc	Guitarra
Siri, si, si, siri	Bandolim
Bou bu, bou bu	Rabecão
Taratá, taratá, taratá	Trompeta
Chris, chris, chris	Charainéla
Turumtumtum , turumtumtum	Tambor
Bro, bro, bro, bro	Trompa
Fiz, fiz, fiz, fiz	Flauta
Vavatu, tutuva, vavatu	Viola
Fu, fu, fu, fu	Fagote.

Advirto que se os instrumentos forem de vós fina, os imitarão com vós fina; e se forem de voz grossa, com voz grossa; e o que faltar a isto perderá prenda (por isso diz o provébio que todo cansa em este mundo, e que todo o jogo quanto mais de gosto he, quanto tem de mais breve) e assim quando algum jogador perder prenda, logo sahirá do jogo, e tendo metade dos jogadores perdido, se entregaráo as prendas aos vencedores huma a cada hum, e depois se sentenciarão.

Rain. Fico muito bem inteirada, e para que vejas se he certo, eu me explico melhor segundo o meu parecer.

Aquelle que principia o jogo, deve cantar com a boca o seu instrumento, e tambem o deve imitar com as mãos, e quando chamar, ou cantar o dos companheiros os imitará, e desta maneira se seguirá com as demais condições que me tens dito, as quaes conservarei na minha memoria.

Porém se por acaso eu chegasse a ser hum dos vencedores, quizera me ensinasses huma dificuldade, para mandar decifrar ao dono da prenda.

M. Está bem, como faria V. Magistade para partir vinte em cinco partes, e que cada parte ficasse em nunes?

Rain. Eu tambem estudei Arithmetica, espera que eu faça a conta, a ver se me saio bem, 1, 3, 5, 7, 4, vinte, porém não são nunes; 3, 3, 3, 8, vinte, tambem não são nunes; 3, 5, 7, 3, 2, peior; 5 vezes 4, vinte, nunes são, mas he em quatro partes; não me he possivel em 5 partes, e que fique em nunes.

M. Veja com que facilidade o ha de pôr em claro, e partir vinte em cinco partes, e que fique em numero de nunes; ha de se partir a palavra vinte desta forma.

Primeira	Parte.
Segunda	Parte.
Terceira	Parte.
Quarta	Parte.
Quinta	Parte.

Aqui está repartido vinte em cinco partes, e todas nunes, como se mostra.

Já está desatada a difficultade, e penso que he bastante enigmatica.

Rain. He certo que he muito discreta, e gosto della, e fico inteirada, persuadindo-me que sahirei com aplauso da minha empreza, e que te darei os agradecimentos : agora pois não ha mais que fazer, vai-te ver Cacasseno, porque o pobresinho te estará esperando impaciente.

Marcolfa foi para o seu quarto, donde tinha deixado Cacasseno. Este vendo huma tigella cheia de cóla, julgando ser cousa comivel, se pôz a comer com tanta satisfação, que até encheo a cara da mesma cóla, de tal forma que ficou todo bezuntado; hum criado que presenciou isto, sem demora foi dar parte a E Rei do que tinha visto.

” Com a maior veneração, e respeito, que Marcolfa usava, se des-

pedio da Rainha ; e tornando a Casseno Marcolfa lhe tinha dito quando foi ver a Rainha , que se entretivesse até que tornasse , hum criado vendo que elle estava só , se escondeo em hum lugar occulto do quarto , para observar tudo o que fazia , esteve alli até que lhe vio fazer huma das suas , e sem poder conter-se , foi correndo dar parte a El Rei , e como soube que estava só , mandou ao criado que o trouxessem ; foi , e o tirou do quarto , com o pretexto de que o levava a beber , sendo engano ; pois se achou diante de El Rei , e olhando elle para a cara , lha vio toda engordada , e perguntando a Atilio , que assim se chamava o criado :

R. Que succedeo ao pobre Cacasseno , que traz a cara toda engordada e porca ?

Criad. Senhor , haveis de saber , que hum moço da Respostaaria , pôz ao lume huma tigella de cóla para pegar os castiçaes dos Ramalhetes ; e parecendo-lhe elle cousa a propósito para comer , agarrou na tigella , e a pôz entre as pernas , e comeo alguma porção da cóla , de forma que bezuntou toda a cara , e de tal sorte

ficou, que nem Barrabaz lha poderá tirar nem limpar.

R. Dize-me, Cacasseno, comestes a cóla?

C. Se minha Avó me disse quando se foi, que me entretivesse; e eu como não achei outra cousa, me diverti com aquella tigella de papas e este cara de Judeo me trouxe diante de ti enganado, em lugar de me levar a beber.

” El Rei ouvindo razões tão inocentes, e olhando para a cara horrendissima de Cacasseno, entrou a rir, e mandou ao criado que o levasse a beber; poiém como desejava que a Rainha fosse sabedora de tal simplicidade, açanou ao criado para que o levasse ao seu quarto, a que elle obedeceo pontualmente.

Rainha, e Cacasseno.

Rain. Como vieste aqui com essa cara engordurada?

C. He porque merendei, e terei pegado alguma cousa na cara, porém quizera só dever-te hum favor, que era me fizesses o gosto de mandar dar a este vinte e cinco bordoadas mui bem dadas, porque El Rei mandou, que me levasse a beber, e

elle não quiz odedecer ; e assim man-
da tu que me tragão de beber , por-
que me sinto tão inchado , como hu-
ma bexiga de porco.

Rain. A dizer a verdade em tudo
te pareces com elle , a tua cara não
he de outra cousa , que do que tu mes-
mo tens dito.

” Mandou que lhe contassem o suc-
cedido , e o celebrou infinito ; e de-
pois ordenou , que o levassem a be-
ber. Chegando Marcolfa ao seu quar-
to , e não achando a Cacasseno , se
inquietou de tal modo , que hia sa-
hindo a busca-lo summamente enfa-
dada ; porém ao mesmo tempo che-
gou Atilio com Cacasseno , e depois
que soube do successo , começou a
exclamar , dizendo , pobre de mim !
Este bruto tem a culpa de me ver
envergonhada nesta Corte ! Procurou
lava-lo , porém eram vãs todas as di-
ligencias , pois tão dura , e tão tenaz
estava a cóla , que não havia forças
humanas , para lha poder despregar
da cara , e mãos ; e foi preciso pôr
agua a aquecer para lha poder tirar.
Enfadada das suas asneiras , e sem
esperanças de sua emenda , determi-
nou ir pedir licença a El Rei para re-

tirar-se á sua montanha ; e indo os achou juntos , e com huma reverencia humilde , e profunda , assim lhe disse :

Marcolfa, Rei, e Rainha.

M. Serenissimos , e Piedosos Senhores , já que foi tanta a minha fortuna em vos achar aqui juntos , acontecendo-me o que muitas vezes sucede ao caçador , que armando a rede para apanhar hum passaro , apanha dois ; com a maior submissao vengo a supplicar-vos , me concedades licença , e liberdade para ir para minha casa ; e assim espero esta graça de VV. Reaes Clemencias .

R. Conheço , que he prejudicial aos teus interesses , e ao governo da tua casa , a ausencia da tua pessoa , e assim te concedo licença , e permisão , quando for tua vontade ; porém asseguro-te que para nós outros seria de maior gosto , que ficasses na nossa vista ; e assim , supposto que estás em animo de marchar , pelo que a mim me toca , eu te concedo licença , com condição que seja do agrado da Rainha .

Rain. Eu te concedo licença ; porém com a obrigação , que has de vir

com Cacasseno cada anno huma vez
a ver-me, e se não escrupolizasse o
prejuizo, que se pôde seguir á tua
casa a tua ausencia, seria o meu
maior gosto, que ficasses a viver na
Corte; pois contigo teria huma vida
contente e mui gostosa.

M. Piedosissima Rainha, fallo sin-
cera, e com verdade, pôdes crer-me;
se eu desxára os ares puros da minha
montanha, e me faltassem aquellas
aguas subtis, o comer daquellas vian-
das grosseiras, e me ficasse na Cor-
te, com o exquisito vinho, comedes
regalados, e outras cousas delicadas,
que aqui se costumão, em breve tem-
po penso que morreria; esta he a mi-
nha primeira dificuldade. A segunda,
he certo que habitando na Corte a ti-
tulo de mulher que procede em tudo
com clareza, sem querer que a lison-
jêe, não havia de poder soffrer alguns
presados cortezãos, sendo só interes-
sados, e aduladores, cujas complei-
ções são como os aveztrizes.

Rain. Tu conheces esses taes?

M. Conheço por huns versos que
vi de meu marido Bertoldo, feitos
no tempo que esteve na Corte, os
quaes vi por modo raro, e os tenho
impressos na memoria.

R. Pois quero que os digas.

Rain. Eu tambem discorro que serão seus.

M. Eu os direi, mas quizera que ficassem impressos para sempre na vossa memoria.

*Capitulo del virtuoso Cortezano, e
del ambicioso, pareados.*

En vez de Corte puso la vós *Muerte*
Un Poeta, y no es mucha la ignorancia;

Porque de Corte à Muerte, si se advierte,

Es muy poca, ó neguna la distancia.

O yà à la Muerte, pues, o yà la Corte.

Regulando à su modo traga, y porte
Concurre el virtuoso:

A este, opuesto, le segue un ambicioso,

De ceremonias viene prevenido,

Con fuevilla y zapato prezumido.

Don Simon ser pertendente alque legare;

Pero un tonto serà el que assi lo usare,

Porque en su trato, y en su vil porfia,

No será Don Simon, si simonia.

Al virtuoso, si àmedrar se aplica,

Que es mui dificil, se le significa:

Su esperança desde oy passa a má-
ñana ,

Y por mucho que estudie, siempre a-
fana.

Al ambicioso, en todo entremettido,
Con falsa adulacion , labio fingido:
Si en la lisonja funda la alabanza
Siempre la Corte dà buena esperanza.
Corre prompto al allago , al fingi-
miento ,

Y es mas aleve, quando mas attento,
Pues con la rifa falsa en sus razones
Corre bellaco a las sublevaciones.

O ya uno de estos a su dueno a caso,
Que tiene hambre; yà esta la mesa
al passo :

Si yà no tiene gana lo mejora ,
Pues le dice mui presto , no , no es
hora.

Si à outro dia à quel punto está pre-
zente

Y el valedor com gana no se siente ,
Le responde con mucha cortesia :
No es tiempo de comer, no es medio
dia.

Si el Patron dize, o la ; yà está listo,
Ligereza mayor jàmais se ha visto ,
Y bien que sea tarde , ó bien tem-
prano ,
Se presenta el sombraro yà en la ma-
no.

Si acaso escupe , como este delante ,
Vá, y con el pie lo limpia en un ins-
tante ;

Pero basta : la hoja aqui doblemos ,
Y el discurso à otro assumpto le mu-
demos ,

Que un util pensamiento en esto se
halla ,

Y es quitar de la oreja tal canalla .

M. Estes são os versos, que escre-
veo Bertoldo , bem inteirado do que
he a Corte e deixar de fallar claro
a estes, não está na minha mão;
com que nestes termos seria mal vista

R. Não ha duvida que merecem at-
tenção estes ditos, porque tem muita
moralidade; porém tornando ao que
bhamos, te digo que a tua conversa-
ção nunca nos pôde servir de tedio.

Rain. Dize-me , não me tens offre-
cido que tornarás a ver-nos ?

M. Se a vida me permittir , não
terei dificuldade em cumprir com hu-
ma obrigação tão devida.

O Rei mandou chamar o Mordo-
mo, e lhe disse trouxesse duzentos es-
cudos, para dar a Marcolfa , dispon-
do ao mesmo tempo que pela manhã
cedo fizesse apromptar huma Liteira
para a conduzir á montanha.

Enviou o Mordomo logo a ordem ao Liteireiro, para que na manhã seguinte ao romper da Alva estivesse prompto, para conduzir as duas Personagens á sua terra.

Marcolfa se despede na forma seguinte.

M. Agora conheço, que VV. Magistades são nossos Amos, e Senhores, e Amigos certos.

R. Tu dizes que nos reconheces, por certos Amigos: pois dize-me, que entendes tu nesta palavra certos?

M. He porque ha tambem Amigos incertos.

R. Pois declara-me essa diferença?

M. Escuta, e attende-o em esta
OITAVA.

Tanto me sirve el bien que no aprovecha,

Quanto el mal, que no dana: o lá cuidado,

De amigos de promessas hay gran cosecha,

Que el bolsillo te ofrecen con agrado:
Mas si a la prueba vienes, la desecha,

Que es chacara, y parola te ha mostrado;

Solo es amigo, el que engrandeza al-
guna

Favorece al misera fortuna.

R. Pois como se ha de haver o ho-
mem para ganhar os Amigos verda-
deiros ?

M. As amizades verdadeiras, são
as que são fundadas com as acções
de caridade, e costumes virtuosos;
porém aquellas que tem os sentimen-
tos do vicio, durão muito pouco; pois
estes se convertem de Amigos em per-
fidos inimigos: as amizades que al-
gum chega a conhecer que são pre-
judiciaes, se devem fugir dellas para
não cahir no perigo, seguindo-se de-
pois o precipicio, e assim he prática
conhecida, que se hum homem do-
cil, e de bons costumes, trata com
outro de máos costumes, em breve
tempo ganha a fama do companhei-
ro, como vulgarmente se costuma di-
zer, dize-me com quem andas, dir-
te-hei as habilidades que tens; e tam-
bem dizem que as más companhias
enlouquecem o homem; e geralmente
similarantes amizades costumão occa-
sionar, depois de grande amor, e
amizade, tedio, e odio; de sorte,
que ainda que passe muito tempo, e

sejão outra vez amigos, nunca che-
gão áquella familiar amizade como
d'antes, pois o vicio do odio lhe de-
põe má inclinação, que o vingativo
no exterior parece que perdoa; po-
rém he muito pelo contrario, que nun-
ca se esquece, e em o seu interior
conserva o veneno; e assim o melhor
he, que ninguem se metta no que lhe
não toca, pois nunca sahirá bem, e
se arrisca a muitas contingencias; e
como eu não tenho odio, e tedio a
pessoa alguma, quero dizer a V. Ma-
gestade huma moralidade, que vem
bem adquada ao nosso exemplo.

R. Referi-a que a ouviremos com
grande gosto, e attenção no entanto
que vem o Moidomo com os duzea-
tos escudos.

M. Haveis de saber que no anno
em que as Gallinhas fiamão lá para
tecer pannos, para fazer calções aos
Gallos, refete Hysopo, e outros Au-
thores diversos, fallavão então todos
os animaes, e por conseguinte tinhão
entre elles suas amizades, e ás vezes
suas desavengas, donde vinham a ter
pleitos; tratavão, e contratavão em
tudo aquillo que lhe era preciso para
viver.

Em este mesmo anno, se achavão as raposas, odiadas geralmente, por terem enganado a todo o mundo com suas astúcias, e maliciosos enganos, achando-se sem amigos, e perseguidas em extremo. Casualmente hum dia huma se encontrou com hum cão o qual assim que a viu, se deitou a ella para a matar: ella com o sobresalto, e suspeitas da sua curta vida, procurou pôr-se em salvo como com efeito o conseguiu, e foi a sua sorte, que achando hum agoeiro se escondeo dentro delle, de modo que o cão não foi possivel poder entrar, e lograr seu intento: não obstante vendo-se opprimida, e sempre com o mesmo perigo se sahia dalli, ideou huma nova astucia, e foi desta maneira.

Começou a fallar ao cão, com humas palavrinhas mui doces, dizendo: dize-me formoso, querido, amado meu, porque me queres matar? Saberás que vinha desejosa de te fallar, e conferir contigo um pensamento, e arbitrio, que ha de redundar em teu favor; depõe a hum lado a tua raiva, e te supplico que me escutes. Ouvindo o cão gabar, e tratar com tanta degura, e com o interesse de

que tinha de tratar hum negocio favoreavel aos seus interesses: respondeo, que a escutaria muito gostoso; continuou a raposa: já sei cão meu, que tens noticia de todas as minhas picardias, em que tenho delinquido até o dia presente; porém eu te prometto (por vida de quem sou) de tratar da emenda: já estou arrependida de tal modo, que desde hoje em diante vivrei sem fazer mal a nada; e assim eu te venho buscar, porque estou persuadida, e que entre todos os animaes do mundo, tu só tens o nome de fiel, o que espero qe tambem tu sejas fiel, e piedoso comigo, o que não duvido; e já que te lixo a fortuna de te dar o meu parecer, te digo que não posso expressar a grande lastima que me causa hum estado tão infeliz, como o que te está destinado: tanto de dia como de noite, precisando estar vigilante em casa de teu amo, para cumprir com a tua obrigação, e viver com a miseria do interesse daquelle que te quer dar, que não serve para nada, e isto te ha de servir de sustento; e depois os accessos he trabalhar, e não descansar de dia, nem de noite, antes mui-

to pelo contrario , pois he preciso ve-
lar , e mais velar ; meu pobresinho ,
eu te asseguro que se me parte o co-
ração de dôr , e compaixão ; e assim
te torno a dizer , que estou arrepen-
dida de todas as minhas maldades , e
só me falta para ser boa , daqui em
diante , huma boa companhia ; pelo
que , desejo ter amizade comtigo , e
deste modo levando-me em tua com-
panhia , te alliviarei em algum modo
de tanta sujeição como tens , e farei
sentinella como tu em casa de teu
amo ; tu farás guarda de dia , e eu
a farei de noite ; e com isto começa-
rei a mercer , e quizera que no en-
tanto te empenhes com teu amo , en-
sinando-lhe que me receba para maior
segurança , e utilidade de sua casa ,
porque tendo guardas dobradas , e
fieis fica mas seguro , e descansado .

Então o bom cão quadrando-lhe
tão suaves proposições , sem conside-
rar que a prática , e amizade de hum
animal tão infame se lhe havia con-
verter em damno , e prejuizo até á
sua morte , lhe disse : sahe para fóra
desse agoeiro , que eu te dou palavra
de honra de te não offendere , e de
fallar a meu amo , para que te rece-

ba, e ficares na minha companhia para maior guarda de sua casa, e do seu gado. Sahio para fóra a raposa, debaixo da sua palavra honrada, e forão juntos estes dois novos amigos para casa do amo do cão, o qual assim que vio o novo hospede pegou em hum pão, e foi correndo para lhe massar o corpo: a raposa que vio o modo, e desembaraço do amo maliciosamente não quiz fugir, antes pelo contrario deitando-se se pôz com a barriga para o ar, com grande humildade. O cão vendo esta acção se compadeceo, e se metteo no meio, para que seu amo a não maltratasse, ou lhe tirasse a vida, rogando-lhe que a recebesse em sua casa, para maior segurança della. O amo condescendeo ás suas súpplicas, e lhe prometteo, com tanto que fizessem os seus deveres, de os sustentar a ambos, consignando-lhes quatro pães todos os dias para cada hum, huma celha de agua, ossos, e as mais regalias, e emolumentos que se proporcionassem: ficou feito o contrato; por dois, ou tres dias andou muito satisfeito o amo do cão, e da raposa; porém este malicioso animal,

como o seu costume he comer Gallos, Frangos, e Gallinhas furtados pelas suas unhas dos gallinheiros, não se podia acostumar a comer aquelle pão negro, misturado com centeio, e cevada, que se usa fazer para os animaes comercem ; maliciosamente formou huma industria, e foi, que achando-se hum dia em conversação com o cão, e lhe começou a dizer: amigo, e fiel companheiro, já que estamos sós, quizera dizer-te quatro pa'avrinhas; as quaes te asseguro redundarão a nosso favor; porém com o ajuste, que me has de dar palavra de te não oppores ás minhas proposições tão vantajozas á nossa maior utilidade: respondeo o cão, eu te dou palavra como verdadeiro amigo, de te escutar, e de viver canonicamente contigo, sem que eu a ninguem revelle o segredo; com que, isto supposto bien podes livremente descobrir teu peito, sem a mais mínima suspeita. Replicou a raposa: amigo, tu já podes considerar o nosso miseravel estado; não o digo por nosso amo, pois não duvido, que cumprirá com tudo que nos tem promettido: vê da sorte que nos tem posto, depois que

nos dão a comer este pão de mistura, pois estamos fracos como humas aboboras, e negros como tições, e não é porque tu sejas feio, antes és bem galante, e formoso; porém a falta de carne te faz feio; ah pobresinho? Se tu te víras contarias as costella! e assim quizera que agora te aproveitáras, que é tempo, e tomáras o meu conselho: eu sei muito bem, que tu és prático nestes Lugares; pois quando sahes fóra com nosso amo, bem conheces todas as casas dos vizinhos, de sorte, que tu não ignoras as entradas, e as sabidas de todas ellas; e se acaso tiveres pouca prática de algumas, as podes correr de dia, para tambem ficares prático das ditas, e de noite, no entanto que nosso amo dormir, podemos hir hum dia a huma casa, outro dia a outra, a buscar hum par de Gallinhas, que ensinando-me tu o gallinheiro, ficarás para me guardares as costas, e eu com grande destreza executarei o tiro, e depois hiremos para hum palheiro, que não faltão em cada casa deste Lugar, e deste modo cada noite mudaremos de pouso, vivendo alegremente muitos dias, sem

que ninguém o saiba, porque tu não
é pessoa suspeitosa; de dia hirás tu
a descobrir terreno, e pela noite hi-
remos depois a pegar fogo á mina
gallinhesca. O cão lhe deo palavra,
consentindo nas suas malditas astu-
cias, deixando-se vencer com as fal-
sas proposições da raposa, pozerão-
no em execução, e juntos de dia, e
de noite se regaláraõ á custa dos vi-
sinhos do Lugar, pois de cada hum
o pagava o seu gallinheiro. Depois
de alguns dias, as mulheres do Lu-
gar estando em conversação, disse
huma: Amigas, não sabeis que esta
noite me furtáraõ hum par de Gal-
linhas! Respondeo outra: pois a mim
tambem me succedeo o mesmo a noi-
te antecedente; e assim huma depois
de outra, todas forão referindo o mes-
mo, do que resultou, determinarem
põe huma armadilha em hum dos gal-
linheiros, e estarem á vigia para ver
se podião descobrir o aggressor.

No entanto que se determinava is-
so entre ellas, o cão que andava ro-
deando e espiando a casa, ouvio os
preparativos, que dispunha contra
elles: foi correndo a dar aviso á ra-
posa, á qual disse: amiga, já que

a nossa fortuna tem querido que nós estejamos gordos, não tornemos mais a furtar; (sem dúvida o cão olhava primeiro para a vida, que pela gulosina da sua gula) porém a viciosa raposa, que não podia acostumar-se ao pão do cão, ideou outra nova astúcia: hia pela noite ao gallinheiro de seu amo, e comia huma Gallinha, perseverando nesta infamia até huns seis dias; e vendo o que daqui podia resultar, disse: Já não é tempo de estar com as mãos mettidas na barguilha, porque se meu amo faz revista das suas Gallinhas, a mim me ha de tornar a culpa, do que resultará gravíssimo risco á minha vida.

Depois que fez as suas contas, foi a casa de seu amo, e lhe disse: Senhor, he certo que estou muito satisfeita dos muitos favores, e do bom trato que me tens feito, e eu como tão agradecida, venho a descobrir-vos huma infamia, que se faz todas as noites no vosso gallinheiro. Perguntou o amo: que infamia he a que se commette? Respondeo a raposa: o desavergonhado do vosso cão, de quem vós tanta confiança fazeis, he o ladrão, e cada noite surta huma

Gallinha ; o que faz com o furto eu não sei : replicou o amo : lhe verdade o que me dizes ? He certo , Senhor , e se queres desenganar-te , vê o gallinheiro , e faze revista ás Gallinhas , e conhecerás a falta ; e para mais te capacitares , e te desenganares , esta noite o verás com o furto na boca.

O amo irado contra o cão , ficou com o aviso da raposa , de se desenganar , vendo , com seus olhos ; despedio-se a raposa do amo , e chamando o cão com grande segredo , lhe disse : amigo , he tanto o amor que te tenho , que não posso estar hum só instante sem te ver ; e assim te digo , que isto de andar nos gallinheiros , não he muito bom , pois pôde suceder que hum dia , ou outro , nós cahirmos na armadilha , e o pague a nossa pelle ; porem não obstante , eu te asseguro que tenho hum vontade de que nós comamos hum par de Gallinhas . Perguntou o cão ; de quaes ? Das de nosso amo ? Sim : das mesmas ; e eu as matarei , e tu as hirás sacar ao gallinheiro , e as esconderás em algum barronco , que alli depois as comeremos .

O cão fez alguma repugnancia a

tão depravada proposição; porém a raposa o enredou de tal modo, que consentio, e ficáram determinados a faze-lo: com efeito a noite fez ver ao amo a verdade, pois vio passar o cão com as Gallinhas na boca, e indignando-se de ver tal infamia, esperou no dia seguinte que dormisse, e o matou. Quando a raposa vio tal castigo, logo se lembrou daquelle rifião, que diz: quando vires as barbas do teu vizinho a arder, deita **as** tuas de remolho; e desde então logo disse que lhe não convinha estar em similar terra, temendo não lhe sucedesse o mesmo que sucedeo ao cão: todos estes juizos os fundava bem; porém achava difícil o escapar-se do lugar: não obstante, achou hum novo modo, e foi, que vindo o amo a casa, lhe disse: agora já te tirei o cão da tua companhia; sendo elle o ladrão das Gallinhas, creio terás conhecido a grande confiança que faço da tua pessoa; o meu desejo he que tu sirvas de cão. Com grande maçheavelhice respondeo a raposa, com muito gosto obedecerei ao que me mandas; porém quero que mandes esfolar o cão, e cortir a pelle, e de-

pois á noite ma porás ao redor do corpo, que deste modo parecer-lhe-ha aos ladrões, que sou o cão, e terão medo de mim, ainda que eu não ladre, que será o mais certo; pois diz o proverbio: cão ladrador, não he bom caçador; e deste modo darei cõr a esta invenção, e ficarão enganados, julgando que sou o cão, e terão medo de mim, e a tua casa estará guardada, e livre de todo o insulto.

O amo lhe pareceo muito bem o conselho, mandou cortir a pelle como lhe havia dito a raposa, e lha pôz nas costas, que bem fingia o cão; porém a infame, maldita, e mali-ciosa raposa, quando viu toda a casa em silêncio á meia noite se foi ao gallinheiro, e comeo duas Gallinhas; e como estava coberta com a pelle do cão, disfarçadamente escapou fóra do lugar para outra parte.

Pela manhã se levantou o amo, e não achando a raposa logo foi ao gallinheiro; e vendo a falta das Gallinhas, descobrio logo o estratagema do tal animalejo, pelo que disse em alta voz, está muito bem empregado, e eu mereço tudo o que me tem

sucedido ; isto acontece a todos aquelles , que lidão com gente viciosa , que estes fazem perder as pessoas com quem tratão ; estou certo , que o pobre cão o matei innocentemente , e a sua desgraça emanou da communicação que teve com a maliciosa raposa . Este he o fim da fabula , que prometi contar a VV. Magestades .

R. Não ha dúvida , que a fabula , não só he bonita , mas he de grandissima utilidade para todos aquelles que andão com más companhias , e tratão com gente vil mettida em o vício , os quaes fazem verdadeiro aquele proverbio , que diz , que as más companhias conduzem o homem á força ; e agora tornando ao passado , digo que já vem o Mordomo , e te dará duzentos escudos , com os quaes te quero presentear , e te encarrego , que tornes a ver-nos , como tens promettido ; pela manhã cedo hirás na Liteira , que já está preventida , que desta sorte hirás com mais commodidade para tua casa , donde eu creio te estarão esperando com grande ancia Bertoldinho , e sua mulher .

» Deixou de fallar El Rei , e a Rai-

nha, que tinha estado callada, disse depois gabando-lhe a fabula. "

Rain. A fabula he muito graciosa, e pôde servir de muito governo, particularmente a gente moça; porém dizei-me, de que procede aos Príncipes terem tantos amigos?

M. Aos grandes todos se mostrão amigos; huns por interesse, outros por adulação, outros por medo, e os de mais senso por obrigação, e respeito; e assim vos peço noteis estas sentenças pastoris.

Quien delante te aiaba Magestuoso,
En ausencia te vende accelerado,
Con el animo insiel, y escandaloso,
Te afecta su carino desalmado.

Si à gustos triunfas dadivoso,
Te coronan por hombre celebrado;
Y si de estos te libras com bonanza,
No fundes mas en ellos tu esperanza.

Chegou o Mordomo, e entregou a Marcolfa os duzentos escudos, e a Rainha tirou do dedo hum anel de esmeraldas, e lho deo, para que em seu nome o désse a Domingas, ou Menguinhas, que assim a chamavão no seu Lugar. Depois que Marcolfa recebeo o expressado, disse:
Serenissimos, e piedosissimos Se-

nhores: haveis de saber, que entre as copiosas, e lindas cousas, que constava meu marido, me perece adqua- dissima esta que refiro.

Dizia de Alexandre Magno, que hum dia querendo dar huma grande porção de ouro a hum Filosofo, este recusou admitti-lo, pois esquivando-se para não admittir a dívida, determinou injuriar a Alexandre, tomando melhor partido, ficar na sua miseria, que receber a offerta: não obstante isto, eu dou a VV. Magestades as mais dévidas graças pelos favores tão grandes que haveis sido servidos fazer-me, de que eu sempre fiquei escrava reconhecida. E só agora espero me deis as vossas ultimas ordens, desejando tenhais huma larga vida, cultivada das maiores felicidades, e que sempre logre o vosso Reino a maior tranquillidade, para socego de vossos animos Reaes.

El Rei, e a Rainha ficárao admirados da eloquencia de Marcolfa, porque o conceito commum, não era de mulher nascida entre montes; antes pelo contrario, porque era tão sagaz, que podia vender discripção a todos; e bem bastava ter sido mulher de Ber-

toldo, homem tão celebrado no mundo.

Pela manhã cedo marchárao na sua Liteira- Seguirão viagem até sua casa, e na volta o Liteireiro deo noticia a Suas Magestades da grande alegria que mostrárão Bertoldinho , e Domingas de os vêr. Accrescentou mais , que lhe fizerão a elle grandes cumprimentos , juntando-se tambem todos aquelles montanhezes vizinhos, cheios todos de muita alegria ; porém muito mais alegria disse que teve Bertoldinho , quando ouvio o zunido dos escudos ; como tambem Domingas com o presente da esmeralda (que isto de receber he huma cousa tão boa , que ainda aos mesmos tontos lhe agrada.) E com dobrada alegria não se saciava de fazer infinitos carinhos a seu formoso Cacasseno.

Como Marcolfa sabia ler, e escrever, escreveo huma carta, e a deo ao moço da Liteira para entregar a Suas Magestades: chegando o dito a Palacio apresentou a carta a El Rei , e assim que a vio foi logo em direitura ao quarto da Rainha , participando como tinha recebido carta de Marcolfa : com grande aancia , e gosto a abrítão , a qual continha o seguinte :

*Carta que escreveo Marcolfa na sua
montanha, a Suas Magestades.*

Meus Senhores: Sendo tão devido obedecer aos preceitos de VV. Magestades, me obriga a participar que cheguei a esta sua humilde Chóça, por não omittir a minha obrigação, me valho desta occasião do retorno do Liteireiro a essa Corte, noticiando a VV. Magestades, que fomos recebidos com grandissimo applauso de Bertoldinho, e Dominguinhas, tendo-se-lhe augmentado muito o alvoroco com os mimos, com que nos haveris honrado, do que damos todos juntos mui rendidas graças. Não escrevo cousa particular de Cacasseno porque o Liteireiro sahe pela manhã muito cedo, e elle todavia está na cama; e assim esta minha, servirá de hum pequeno reconhecimento, e no entanto eu, e toda a minha familia, desejamos a VV. Magestades todas as maiores felicidades.

Fim de toda a Obra.